

Welton Carvalho é entrevistado pelo professor e escritor Dilson Lages

Dilson - Sua poesia traz os sentidos dos questionamentos metafísicos, vendo estranheza e espanto, por exemplos, na criação. A voz inquieta de sua poética é a voz que deseja descobrir o que há de intangível na matéria de que se faz a poesia ou mais presa ao cotidiano?

Welton – Veja: toda a poesia é metafísica. A poesia é feita com palavras, por evidente. Mas o poeta não quer mostrar as palavras, pois como diz com precisão Octávio Paz, a palavra é um símbolo que emite símbolos. O poeta busca mostrar as coisas em outra perspectiva que aquela a que estamos habituados. A arte é, por essência, transfiguração. Neste ponto, o Ferreira Gullar gostava de dizer que poesia é espanto. O Ferreira Gullar, em verdade, repetia o que Aristóteles dizia da Filosofia. Exatamente por isso o corpo de um homem nu ou de uma mulher nua, expostos ao público – por exemplo – por mais belos que possam ser, não transfiguram, apenas transgridem. Ao se contemplar o Davi de Michelangelo, você nem se dá conta de que ele está nu. Por quê? A capacidade genial de Michelangelo nos faz ver formas de perfeição que suplantaria qualquer humano. Em termos platônicos, o Davi de Michelangelo é conceito de nudez no mundo inteligível. O nu ali se dissolve como algo conhecido, para ceder lugar à outra dimensão da nudez: o corpo masculino em uma dimensão lúdica. Do bloco de mármore, nasceu Davi cheio de vida e beleza. Todo artista tem o complexo de Deus: seu destino é criar. A nudez do Davi, por exemplo, ocupa um patamar sagrado: o erotismo no seu lugar de direito, pois o artista nos comove ao fazer notar que o corpo é um templo. Claro que, na época da exposição da escultura em uma Rua de Florença, a obra chegou a ser apedrejada pelos pudicos. Mas qual foi a posição que se firmou? A sensibilidade da estética renascentista: o corpo acima do pecado. Quando vejo o David de Michelangelo, posso me sentir o próprio Adão antes do pecado original, segundo a teologia cristã. Isso é fantástico. Em outras palavras: o pecado não está no corpo, mas no que fazemos com ele. Não consigo ver pecado no sexo. Ao meu sentir, todo comportamento humano só atinge a sua plenitude quando busca o belo, o bom e o útil. Nós não somos seres apenas sexuados, somos seres eróticos. O ato sexual pode ser um panegírico ao amor ou um estupro. Tenho um poema curto em que digo isso: “Teu corpo teu templo/ só o entregue a outra alma”. Claro que alguém pode ponderar que esta minha visão é muita romântica, pois alguém pode sentir prazer sexual sem maior envolvimento afetivo. É verdade: só não sei se um ato mecânico pode ser capaz de produzir poesia. Então, pergunto: o hedonismo tem construído uma sociedade mais responsável? No ocidente culpa-se muito o cristianismo pela repressão sexual. Há um fundo de verdade, mas será que a vulgarização do sexo é a melhor opção? Isso é tema mais afeito à psicanálise, voltemos. Quanto à segunda parte da indagação, penso que há interpenetração: o cotidiano e a intangibilidade da matéria convivem aos nossos olhos. Não consigo trabalhar em um plano dual, mas a partir de uma realidade conectada. Não por acaso, intitulei um dos

meus livros de *Descobrimento do explícito*. O papel da arte é exatamente este: extrair beleza do banal. Perceba: os temas são limitados. A vida da quase totalidade das pessoas não é composta de acontecimentos extraordinários. Ao contrário, é feita de repetições quase sempre enfadonhas. Cabe ao artista comover essas pessoas a partir de suas vivências. No meu sentir, há uma película finíssima de beleza envolvendo as coisas e as ideias. Visualizá-las e mostrá-las é o ofício dos artistas. O cotidiano é o intangível em movimento. Agora perceba: a arte não imita a realidade; ela, verdadeiramente, a suplanta.

Dilson – Todo poeta ciente do ofício persegue obstinadamente uma imagem. Aquela que dá a ele identidade nas escolhas temáticas e no plano da expressão. O que persegue temática e formalmente Weliton Carvalho?

Weliton – Caro Dilson, a poesia é, em essência, imagem. A palavra – repetindo Octavio Paz – é símbolo que emite símbolos. Em outro dizer: o poeta usa a palavra para mostrar a imagem. O esforço do poeta é transformar palavras em imagens na mente do leitor. A arte é imaginário. Sem isso, não existe poesia no sentido amplo da estética. Quanto à temática, deve-se dizer que é terreno fértil para derivações. Há poetas monotemáticos e outros, pluritemáticos. Isso necessariamente não aquilata, por si só, o valor artístico do escritor. Importante é pontuar que a arte é forma e conteúdo. Mesmo quando se fala do parnasiano como a escola da “arte pela arte” é muito mais uma expressão de impacto que a verdadeira característica desta escola literária. “Arte pela arte” significa preocupação com o rigor da forma, mas não se está dispensando o conteúdo. Uma escola que se propusesse a isto cairia, inevitavelmente, no estéril. A arte é, ontologicamente, comunicação. O artista quer se comunicar com o outro indivíduo, na esperança de comovê-lo. Dito isto, devo lembrar que não tenho uma temática única. Em síntese apertada, digo que sou um lírico que se ocupa do amor, da morte, do tempo, da existência, do social e do erótico. E talvez de outros temas que a mim me escalam conscientemente, mas que chegam ao leitor.

Dilson – Sua poética é perpassada continuamente pela metalinguagem, que sonda a função da poesia, a fim de questionar o lugar do tempo para a condição humana. Essas duas categorias semânticas se associam, de maneira interdependente, em muitos poemas. O que nasce primeiro: a busca inconsciente de definir o tempo ou a própria razão de ser da palavra afetiva?

Weliton – Em primeiro, é preciso se dizer que a metalinguagem é um tema muito visitado pelos poetas. E isso é intuitivo: todo poeta é inquieto com o objeto que o persegue. Usamos a palavra para nos comunicar no cotidiano. O poeta acha isso pouco e quer reconstruir a linguagem para comover. Gosto de dizer brincando que o artista tem complexo de Deus. Ele precisa recriar o mundo, porque a realidade não basta. E não basta para ninguém. Por isso, sonhamos. Alguns, até acordados. E outros não lembram que durante o sono sonham. Mas sonham. Concordo com você: um dos temas presentes

na minha poesia é o tempo. De modo mais específico: a memória. Sou capaz de guardar na memória coisas insignificantes por décadas e até pela vida inteira. Penso que a metalinguagem é instrumento para questionar o tempo na condição humana. Mas não é um recurso indispensável. Tenho muitos poemas memorialistas em que não me utilizei da metalinguagem. Muito difícil dizer o que nasce primeiro se a busca inconsciente de definir o tempo ou a própria razão de ser da palavra afetiva. Penso que o tempo é um pano de fundo para a palavra criadora da imagem que tenta comover o leitor.

Dilson – A metalinguagem aparece largamente associada à tradição literária. Ela é, para você, facilitadora da expressão poética, ainda que cultive o verso livre?

Weliton – A rigor, o recurso da metalinguagem é algo que se deve usar com parcimônia, pois já foi muito explorado pelo cânone literário. No entanto, é um recurso à disposição do poeta e, mais que isso, tentador. Ultimamente tenho me policiado para não ceder à tentação em usá-la. Quem escreve deve se policiar muitíssimo para não criar cacoetes facilitadores. Você pode cair no risco de padronizar e começar a escrever poemas em série. Ao mesmo tempo em que o poeta busca uma dicção própria, ele deve evitar a padronização do poema, sob o risco de se repetir à exaustão. Não vejo paradoxo entre a metalinguagem e o verso livre. É perfeitamente possível conjugá-los. O problema é este recurso cansar o leitor. E tudo que a poesia não pretende ser é enfadonha.

Dilson – O primeiro poema de “Ócios do ofício”, de título “Página ao um poema”, para mim, é uma espécie de anúncio e resumo de todo o livro. O que você anuncia? O que você resume?

Weliton – Engraçado, este livro nasceu de uma crise. Tentei reescrever muitos poemas que não me convenciam. E o título veio de um paradoxo. O livro famoso do Domenico de Masi denominado *Ócio criativo* me chamou atenção desde o título. Tomei por um belo achado poético. Não sei se as ideias dele são consensuais no âmbito da sociologia do trabalho, mas é uma definição perfeita para a poesia. Não se faz poesia sem ócio e sem criatividade. Mesmo um poeta “profissional” dificilmente teria coragem de assinar um contrato com uma editora para lhe entregar um livro em certo prazo sob determinadas condições de confecção da obra. Tal só seria possível se ele renegasse a estética para um plano secundário. Fora desta hipótese, não vejo crível essa possibilidade. Então, para a poesia, o ócio criativo é visceral e visita o poeta fora das amarras do tempo. Trata-se de ócio que se usa com rigor, mas sobre o qual não temos total domínio, mormente nos seus esquadros espaço-temporal. A peça “Página a um poema” tenta traduzir a angústia que visita o artista no momento de produzir sua obra. Então, neste aspecto, você tem razão: esse poema anuncia as dificuldades que residem no ato de criar. Talvez essa, uma das chaves do livro. Ao mesmo tempo que esse poema é anúncio, também serve de resumo da obra, porque explicita o projeto e já apresenta sua síntese.

Dilson – Ainda levando em conta a pergunta anterior, continuamente, de modo ora explícito, ora implícito, você lança o interesse para a função da poesia. Dito isso, para que poesia? Quais usos ou sentidos ela nos oferece?

Weliton – Penso que todo poeta algum dia se perguntou para que serve a poesia. Entendo que a função direta da poesia é comover. E a partir dessa comoção, há uma corda de sensibilidade que vibra dentro do indivíduo. Esse relâmpago pode inclusive ter repercussão direta no cotidiano. Vi numa revista ou jornal que um cidadão alemão estava decidido cometer o suicídio e por ler o poema *Consolo na praia*, do Carlos Drummond, desistiu da empreitada. Veja: nesse caso, a poesia foi capaz de salvar uma vida. Isso é fantástico. Pelo que estava na reportagem, o leitor chegou a escrever uma carta para Drummond, fazendo esse relato. E por que este indivíduo desistiu do suicídio? Porque o poema lhe comoveu e mostrou que a vida, apesar das dificuldades, vale muito a pena. A única função de qualquer manifestação artística é comover.

O meu interesse maior por este tema vem da contundente preocupação de Theodor Adorno ao indagar: haveria poesia depois de Auschwitz? A resposta se tornou afirmativa. Por quê? Por ser a poesia uma necessidade humana. Apesar de nossas misérias, que não são poucas – e talvez por isso – precisamos da arte. Quem conseguiria conviver apenas com mazelas? Você pira. Em verdade, o que mais me chama a atenção não é a necessidade da poesia, mas o paradoxo humano de conseguir fazer arte e, ao mesmo tempo, ser capaz das maiores atrocidades. Isso é intrigante e mostra a nossa enorme complexidade.

Também me chama a atenção a necessidade do poeta em escrever. Entendo que o poeta escreve para se livrar da emoção, mas sobretudo – ao menos para mim – com a intenção de partilhar. Como sou cristão, a poesia é, para mim, partilha. E a partilha mais sincera, pois entrego ao outro a minha alma. Até mesmo materialmente. Já algum tempo, só faço lançamento beneficente. É um simbolismo. Faço da poesia a minha oferta ao outro.

Agora, veja, a preocupação de Theodor Adorno continua muito atual. Vive-se cada vez em um mundo de costas para a arte. O mundo é bem mais imediatista que na época do término da Segunda Guerra Mundial. Naquela época, a humanidade ficou chocada; tanto assim o foi que os princípios ganharam força de norma no mundo jurídico. Por que isso aconteceu? Exatamente para limitar o poder do Estado. Hoje nem os princípios conseguem deter a senha de incivilidade. No meu sentir, hoje, a degradação humana é pior. A minha sensação é de que a vida foi levada a um pragmatismo extremo. Olha o que se passa com a pandemia que vivemos agora em 2020. Estamos anestesiados: a morte são números e se transformou em guerra ideológica. Muito triste essa indiferença ao sofrimento dos falecidos e de seus familiares. Mas enquanto houver alguém deslocado do sistema, haverá poesia. Mesmo nas ditaduras mais brutais, um dia a aurora virá, mesmo por sobre os túmulos, banhar as manhãs de esperança. A liberdade é um conflito eterno no ser humano e, por isso, a poesia existe. A liberdade é uma necessidade premente à vida consciente. Um conceito de difícil concretude, mas de uma intuição visceral. Cecília Meireles foi magistral em perceber isto: “Liberdade, essa

palavra/ que o sonho humano alimenta,/que não há ninguém que explique/ e ninguém que não entenda”. Um achado poético-filosófico de rara beleza e verdade.

Dilson – Em sua poesia, reacende-se um conflito do homem de todos os tempos, a alma e o espírito, sob estímulo da ideologia cristã, em poemas como “Polifonia da fé”. Muitos poetas, uns com maior sucesso, outros nem tanto, utilizaram-se dessa reserva poética. O que fazer, construindo versos sob essa influência, para que dogmas e crenças não sufoquem a criação?

Weliton – Veja, Dilson: como dito anteriormente sou cristão católico, sobretudo por influência de minha mãe. Mas aqui cabe um reparo: não sou um cristão poeta. Significa isso dizer que minha vocação de poeta não está a serviço do cristianismo, ao menos diretamente. E para que não fique dúvidas: não faço versos para propalar os dogmas cristãos. Tenho sim alguns poemas nessa temática. Digo a você: é uma temática perigosa. Como também é arriscada a poesia dita social. Facilmente você pode resvalar para o dogmatismo e o panfletário. Imagino que religião também é arte. Gosto imensamente de entrar nas igrejas barrocas ou de ouvir canto gregoriano. Aliás, vivo ouvindo canto gregoriano. Também adoro os vitrais das igrejas. Para mim, a melhor das homilias seria entrar numa catedral barroca com vitrais em que se cantasse o gregoriano. Nada mais perto do céu, suponho. Com essas ideias concebi o poema *Religião*, em que o nosso Elmar Carvalho detectou certo panteísmo. Confesso que pensei mais em um ecumenismo. Aliás, o papa Francisco tem sido injustamente criticado pelo ecumenismo. Por evidente que religião é dogma. Em assim, impossível fundi-las sem a possibilidade de se perder essência. No entanto, a proposta ecumênica do papa Francisco, ao meu sentir, é pregar a tolerância religiosa. O mundo anda profundamente intolerante. Incivilizado. Nós, católicos, dizemos que a verdadeira igreja é a nossa. Sim, no âmbito do cristianismo, viemos primeiro. Mas uma questão teológica sempre me visitou: como posso culpar alguém por não ser católico ou mesmo cristão antes da existência de Jesus na Terra? Então como demonizar todas as religiões passadas e mesmo os povos pagãos? Ademais, não há registro de pregação intolerante por parte de Jesus Cristo. Ao contrário. Aqui cito, por exemplo, o episódio emblemático com a samaritana. Certo que ele se rebela contra os vendilhões do templo e com toda razão. Não existe credo digno sem uma teologia moral. O problema surge quando você quer impor este código moral a todos alheios ao credo. Este o grande desastre de um governo teocrático.

Então é isto: não professo dogmas na minha poesia. Deixo-me levar pela beleza que a arte cristã nos legou. Os católicos perceberam, de logo, que a arte é um instrumento de sensibilizar, de elevar o espírito. Note-se: os papas fizeram concessões ao Renascimento e graças a isso, a igreja incorporou ao sagrado a arte de grandes gênios da pintura e da escultura. A civilização ocidental deve muito à Igreja Católica. Erros brutais existiram. Mas também há acertos notáveis em prol da arte, da ciência, do direito, da economia, da contabilidade, dentre outros aspectos do saber. Estou lendo um livro do prof. Felipe Aquino que recomendo: *Uma história que não é contada* (Editora Cléofas). Como procuro ser uma pessoa aberta ao contraditório, indico uma obra em sentido oposto.

Trata-se do livro *A chegada das trevas: como os cristãos destruíram o mundo clássico*, de autoria de Catherine Nixey (Editora Desassossego). Apesar de considerar exagerado o título, porque os cristãos não destruíram o mundo clássico, vale muito a pena a leitura. Veja: os cristãos não foram capazes de destruir o mundo clássico. Ninguém seria. Penso que seria impossível. E tanto é assim que a teologia de Santo Agostinho está embebecida de Platão. Na mesma toada, podemos ver a total influência de Aristóteles em Santo Tomás de Aquino. Então a filosofia escolástica promove o mundo clássico. Tenho impressão que o maior acervo do Renascimento está nas mãos do Vaticano. O mundo clássico, pois, está entre nós. Claro que Catherine Nixey tem razão ao afirmar que a transição do paganismo para o cristianismo não deve ter sido tranquila. Os cristãos seguramente se vingaram das perseguições que sofreram. É sempre assim: aquele que está no poder tende a perseguir a cultura do oponente. Seguramente muita destruição material deve ter existido. Mas daí a se afirmar que os cristãos aniquilaram o mundo clássico vai uma grande distância. E aqui deixo claro que este comportamento é um paradoxo, porque Cristo pregou a tolerância à exaustão. A mim, o que mais me seduz a seguir Cristo é a sua lição de tolerância.

Tenho para mim que um dos grandes equívocos do ser humano é a imposição de pensamento. Gosto de olhar para a Constituição brasileira e ver a pluralidade dentro de seus princípios. A liberdade é a essência da vida. Por certo que o direito limita a liberdade, porque a liberdade absoluta não existe na convivência. Impossível. Veja que até a teologia se vê forçada a admitir o livre arbítrio. Os grandes erros da humanidade sempre estiveram vinculados ao pensamento único. Isto na política, na religião, na educação e na sexualidade, por exemplo.

Defendo que todo indivíduo tem direito à informação, ao conhecimento. Ocultar é a pior opção e a certeza para erros terríveis. Vou dar um exemplo: no filme *Descalço sobre a terra vermelha* (sobre a vida de Dom Pedro Casaldáliga), há um encontro de Dom Pedro com o então cardeal Ratzinger, então prefeito da Congregação da doutrina da fé, e outros dois outros cardeais que lhe assessoravam. A audiência se deu em virtude da *práxis* de Dom Pedro Casaldáliga a favor da denominada teologia da libertação. No final do encontro, um dos cardeais sugeriu que Dom Pedro Casaldáliga nada comentasse com os jornalistas. E a resposta de Dom Pedro Casaldáliga foi genial no sentido de que se ele se recusasse a falar com os jornalistas, estes inventariam uma versão. Então é isso: uma doutrina, uma ideia, uma tese só pode ser repelida à luz do dia com estudo e capacidade de demonstração de sua falsidade. Aí tenho o método de Karl Popper indispensável à democracia. Não adianta estabelecer um *index* de obras proibidas. Devemos trazer ao debate e mostrar suas virtudes e defeitos. É sintomático o que aconteceu com a teologia da libertação: o professor Clodovis Boff faz uma revisão desta teologia e mostra suas fragilidades. Claro que não se trata de um movimento equivocado em sua totalidade, principalmente considerando a realidade do terceiro mundo. Em absoluto. Mas tem sua vulnerabilidade epistemológica, além do proveito político partidário que dela se pretende auferir. E isso só é possível a partir do estudo sério.

Enfim: faço, portanto, poesia, que pode ter temática cristã. Mas o meu primeiro compromisso é com a estética. Em assim, registre-se: não faço poesia para reforçar dogmas ou negá-los. Entendo que não é este o papel da poesia. Aliás, quase nunca a arte se sai bem quando a tal se propõe. Veja o caso do *Porta dos fundos* no especial de natal do ano de 2019. É difícil dizer algo sendo cristão. Você se torna parcial aos olhos do agnóstico ou do ateu. Mas, sinceramente, não consigo vislumbrar arte em tal manifestação. E duvido que algum crítico sério crente, agnóstico ou ateu vislumbre qualquer indício de beleza ali. Trata-se de escracho puro. As premissas nem sequer se amparam em divergências históricas. Ademais, inexistem vestígios de sutilidade. Então, só posso concluir que se trata de uma agressão com verniz de gratuidade. Por isso, insisto nisto: o partido do artista é a estética. Com a fundação na beleza, o tema a ela se acopla a depender, evidentemente, do talento do artista.

Dilson – A beleza, a vida, a morte, o tempo, a arte aparecem em sua obra sobre a perspectiva do sublime e da contemplação. O que traduz, em termos de poesia, a natureza superior desses elementos?

Weliton – Em verdade, quando comecei a me interessar por poesia foi por intermédio dos poetas modernistas. Nessa mesma época li o *Poema Sujo* do meu conterrâneo Ferreira Gullar. Então a empatia pela poesia que habitava o concreto foi imediata. Depois é que fui descobrir o véis poético mais abstrato, por assim dizer. Comecei, numa perspectiva cronológica, pelo fim. Só depois a poesia clássica, o romantismo, o parnasianismo, o simbolismo etc. Penso que isso foi excelente, exatamente por que me deparei, de logo, com a poesia de cara lavada. Descobri a poesia rente à vida. A grande sedução foi perceber que a poesia nasce da prosa cotidiana, das coisas ao nosso redor. A poesia não habitava algo sobrenatural, um mundo apartado daquele em que eu vivia. Foi um deslumbramento – para usar um vocábulo que me lembra muito do Manuel Bandeira – verificar a palavra quitanda em um poema. Puxa, eu conhecia a quitanda desde minha infância, na minha cidadezinha de Santa Inês, a minha eterna Jerusalém. Tenho um livro intitulado *Descobrimiento do explícito*. Esse título é a minha chave para a poesia. Fazer poesia é dizer de modo diverso o vulgar das coisas. Em um livro infantil, digo que o retângulo é o quadrado que se espreguiçou. A vida inteira é sublime e, portanto, toda ela merece contemplação. Tenho uma capacidade em me deslumbrar com facilidade. O problema está nisto: a gente se acostuma com o belo. Vou lhe dar um exemplo: o sujeito que mora em Mora em São Luís não consegue entender por que o turista se deslumbrava tanto com o centro histórico da cidade. Sabe por que ele não entende? Por que seus olhos se acostumaram com aquela beleza. A rigor, a beleza se tornou banalidade. Temos uma capacidade enorme para embotar nossos olhos, que eram pura descoberta na infância. Restaurar essa banalidade é ofício do artista.

Os temas, a matéria-prima da poesia, são limitados. A vida, em termos de tema, é finita. Infinito é modo de trabalhar com essa realidade demarcada. O desafio do poeta é exatamente este: dar uma natureza superior a esses elementos visceralmente pueris, banais, desprezíveis. O Mario Quintana – que é um dos poetas da minha predileção –

dizia que no tempo de escola tinha dificuldades em conversar com seus colegas de classe. Esclarecia ele: — Como vou colocar uma mancha em uma parede numa conversa? Corria o sério risco de ser tomado por maluco. Mas nós, poetas, somos assim. Manoel de Barros nos fala do *Tratado geral da grandeza do ínfimo*. É nessa vereda, buscando a minha dicção, que tento fazer poesia.

Dilson – A preocupação social adquire segunda natureza em vários poemas. Ainda assim, há um esforço em tematizá-la para dar voz a valores universais. Isso é a influência de sua atividade laboral sobre a condição do poeta ou um processo de validação inconsciente da natureza primeira do ser humano? Ou nenhuma coisa nem outra?

Weliton – Como disse antes, ao descobri a poesia com a tradição vocabular dos modernistas, senti um mundo muito próxima à minha vida. Sempre tive uma preocupação social muito pungente. A minha infância foi pobre, mas não miserável. No entanto, devo pontuar que tive colegas de infância miseráveis. A dor deles me acompanha por toda a minha existência. Nunca fui filiado a qualquer partido político nem pretendo. Sempre estou na oposição. Só há um bom governo, quando a oposição é competente. Lugar de artista é na oposição. Aliás, para mim todas as instituições que não sejam partidos políticos deveriam militar na oposição: sindicatos, OAB, igrejas, associações. O papel da sociedade é fiscalizar o governo. Se as instituições não governamentais são cooptadas é um perigo para a democracia. Por evidente que oposição aqui não no sentido de birra, mas de vigilância, de contraponto. Tive uma participação muito discreta no movimento estudantil quando cursava direito, mas, sobretudo, para ajudar alguns amigos daquele tempo. Logo percebi que o meu campo de batalha era bem outro: a palavra. A minha vocação poética me levou a esta conclusão: se a poesia que me encantava era aquela da vida real, por consequência não poderia ser alienado ao mundo circundante. Era a partir deste mundo que tentaria criar algo para compartilhar com as pessoas. Entendo que o compromisso do artista é com a vida real e com as pessoas de carne e osso. No entanto, como já ponderei anteriormente, não é o tema que faz a beleza. A poesia social é difícilíssima, exatamente por lhe fazer andar no fio da navalha: um descuido e se cai no panfletário. Por exemplo, Carlos de Assumpção é um poeta negro engajado. Gostos destes versos do seu poema *Eclipse*: “Senhores/ Onde estão os meus tambores/ Onde estão meus orixás/ Onde Olorum/ Onde o meu modo de viver/ Onde as minhas asas negras e belas/ Com que costumava voar”. São versos belíssimos, me tocaram profundamente. Trouxeram-me o sentimento de cumplicidade com a dor de sua raça, com o genocídio perpetrado contra os negros, sobretudo com a sua cultura. Este é um débito impagável com os negros. Bem, os versos não são bons por que são engajados e nem pelo fato de serem criados por um negro. São bons, porque têm compromisso com a estética. Também gosto de um poema dele denominado *Avós*: “Há muitas histórias/ Sobre os meus avós/ Que a História não faz/ Questão de contar”. São pungentes, não?

Quando escrevo, sobretudo a poesia social, tenho mais do que nunca o norte da beleza. A poesia social deve ser lida como se aquilo que a motivou já estivesse no museu da história, ou seja, muito distante. Quando você lê esses versos do Carlos Assumpção, você imagina o passado ou o presente. Não são datados. Continuam vivos. Olha aí o racismo nosso de cada dia, aqui, nos Estados Unidos, na Europa e em outros continentes. A minha poesia social pretende ter esse compromisso de denúncia, mas acima de tudo envolvida numa mensagem de beleza.

Dilson – Encontrei em alguns poemas seus a presença do circunstancial. Num mundo em que a preocupação exagerada com o instantâneo, em que os acontecimentos – e o valor ou sentimento agregado a eles – sucumbem quase que no imediato momento do surgimento, ainda há espaço para o circunstancial no poema? Os acontecimentos e emoções episódicos já não nascem banalizados a tal ponto que não teríamos mais o que dizer sobre?

Weliton – Dilson, você é além de poeta, crítico literário e, portanto, um observador arguto da realidade. O futurismo foi muito festejado, mas o Drummond, genial como é, escreveu um poeminha de três versos capaz de abalar toda a carga de expectativa com o futurismo. Refiro-me ao poema *Cota zero*: “Stop/ A vida parou/ ou foi o automóvel?” Com a revolução industrial e seus desdobramentos, a ponto de alguns historiadores se filiarem ao gosto de denominar o fenômeno – ao meu ver com acerto – de revoluções industriais, a velocidade se incorporou ao cotidiano. A vida em dinâmica mecânica já era denunciada por Chalin Chaplin no seu filme *Tempos modernos*. Há algum tempo (na década de 90) li um ensaio do Miguel Reale denominado *Civilização do orgasmo*. De fato, o instante, o gozo e o fútil formam o tripé da sociedade em que estamos a conviver como diriam os portugueses. É verdade. Mas, meu caro Dilson, como acabei de pontuar: o lugar do poeta é na oposição, na contracorrente. Repito: não por birra, mas por necessidade. Ao menos para mim, o circunstancial constitui o apoio de grandes poemas na literatura brasileira. Veja o caso do Manuel Bandeira, para citar apenas um dos nossos autores pertencentes ao Cânone. Aliás, tem uma grande linhagem pernambucana neste contexto: Mauro Mota, Carlos Pena Filho, entre outros. Por ter morado muito tempo de Recife, fui muito influenciado por esta plêiade.

A rigor, meu caro Dilson, a vida está banalizada. Completamente. Quando me apercebo das músicas que meus filhos ouvem, tenho vontade de chorar. Não apenas pelos meus filhos, mas pela geração inteira. Diga-se: é uma geração intolerante na medida em que se recusa a conhecer o diferente daquilo que a internet e a mídia oficial lhes ofertam. Então é difícil competir. Fico aqui ouvindo música clássica e canto gregoriano. Não o faço por pedantismo. Adoraria ouvir música popular, mas não são compatíveis para a minha concentração. Então, somente no carro posso ouvir o canto brasileiro. Fico melancólico e me pergunto: será que esta geração passará pela vida sem ouvir Elis Regina, sem saber quem é Cartola? Sem nunca saber de Villa-Lobos? Enfim, estamos na *sociedade líquida*, segundo Zygmunt Bauman. Digo eu: já “involuímos” para a sociedade gasosa, etérea. Uma sociedade sem referência de estética, de direito, de

segurança. Algo muito próximo do anarquismo se formou. É nesse cenário caótico, em que não há mais discussões teóricas, mas agressões verbais bárbaras, em que o embate é vencido por quem é capaz de disparar improperios com velocidade de míssil. Aqui estamos, neste mundo em erosão, metido nesta confusão como Dom Quixote para fazer poesia. Fico na boa companhia de Cecília Meirelles: “Canto porque o instante existe”. Não tenho outra coisa para ofertar ao leitor senão o próprio instante que ele extravai para cultivar quem sabe um curto-circuito de beleza.

Dilson – Para mim, o texto mais tocante do livro é “Maçã”, na pág. 96. Texto movido pela ternura e pela sinceridade. Diante disso, pergunto: o que pode o poeta fazer para fugir do artificialismo?

Weliton – Engraçado, você falar em sinceridade. Uma pessoa por quem tenho um afeto especial me disse que, ao ler alguns poemas, meus não encontrou verdade, mas sonhos. Sou um sujeito muito aberta à crítica. Sempre as recebo com muita empatia. Penso que o escritor precisa da crítica. Aí temos outra dificuldade: a crítica especializada se refugiou nas universidades e, diga-se, em guetos. Mas enfim, recebi esse juízo. Claro que me dificultou analisar o juízo de valor com maior critério, porque a pessoa apenas se limitou a dizer que notou a falta de verdade em alguns poemas, não os nomeando. Tenho a esperança de que leia outros poemas e chegue a esse que você mencionou ou outro que lhe revele “verdade”. Quem saiba também lhe toque a verdade do poeta. Possuo o mesmo intento do Mario Quintana, pois “Quem faz poema salva um afogado”. Então se um poema da coletânea comove um leitor, salvei a mim mesmo. Pelo seu depoimento, digo que já valeu a pena ter escrito o livro. Claro que você não disse que só gostou desse poema, mas o que mais lhe tocou. Mesmo que fosse o único do seu agrado, já teria valido a pena ter escrito todos os outros. Sabe por quê? Pela esperança de que outros leitores encontrem outro poema de sua preferência e, assim, a verdadeira fortuna crítica do poeta vai se formando, no coração dos meus destinatários.

Voltando: disse a pessoa que não encontrou verdade na minha poesia que o meu primeiro compromisso é com a beleza. É assim que penso, conforme já repeti várias vezes. A verdade da poesia é a estética. A primeira pessoa a quem o poeta deve convencer é a ele mesmo. Aliás, para mim, a questão fulcral da filosofia é a verdade. Albert Camus – por quem tenho grande admiração – dizia que o suicídio era o problema crucial da filosofia. Entendo que é a verdade. A contenda entre Parmênides e Heráclito continua insolúvel. Platão ao conceber um mundo dualista (mundo sensível *versus* mundo das ideias) se aproximou do pensamento de Parmênides, coloca a verdade neste mundo inteligível. E depois chega Nietzsche tomando o partido de Heráclito e tenta estabelecer um equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco. É uma guerra de gigantes! Mesmo quando se cultiva uma poesia de cunho filosófico, a busca da verdade empírica pode facilmente resvalar para o panfletário. E na minha concepção a função da poesia é indagar e não fazer assertivas peremptórias. Muito a propósito o Carlos Drummond de Andrade tem um poema intitulado *A verdade dividida*, em que transmite a mensagem de que a verdade sempre depende de nosso capricho, ilusão ou miopia. Então na arte a

verdade é um conceito de forte carga subjetiva. Neste livro *Ócios do ofício* tem um poema de que gosto particularmente, *Lição nas férias* cujo final é este: “Constante, finalmente, que o poema e a vida/ nada ensinam, antes indagam ferozmente”.

O poema não termina nunca, mas você só o pode dar por publicável quando todo o seu esforço de sinceridade e beleza terna foram entregues a ele. Penso que este rigor é a chave para se fugir do artificialismo. Não se pode convencer ninguém quando você não se compenetrar da mesma verdade a ser transmitida. Como já disse o conceito de verdade é um dos mais difíceis no âmbito da filosofia, porque aqui é a seara da metafísica. Mesmo no substrato científico, a verdade é, ao menos em perspectiva, temporária. Escrevi um epigrama em que digo o seguinte: “a verdade é a dúvida que estacionou”. É uma síntese apertada da filosofia epistemológica de Karl Popper. Seja como for, para efeito de poesia, verdade é a convicção com eco na estética, forjada pela tradição ou por uma atitude inaugural. Convém lembrar: esse novo sempre será herdeiro da tradição, pois o velho se posta como referência até para validar aquilo que lhe contrapõe e, por ventura, venha a lhe superar. O novo só pode nascer do velho. Seja como for, em um ou noutro caso, cobra-se do poeta autenticidade, uma dicção autoral.

Entrevista concedida a Dilson Lages, poeta, escritor, crítico literário, professor de literatura e membro da Academia Piauiense de Letras por ocasião do lançamento do livro *Ócios do ofício* do entrevistado.